



Filme 'Brincante' faz mistura saborosa entre diversas artes

HELENA KATZ - ESPECIAL PARA O ESTADO DE S. PAULO
04 Dezembro 2014 | 03h 00

Dança, circo, teatro, folguedos populares e música estão no longa de Walter Carvalho com Antonio Nóbrega

Respeitável público: este espetáculo tem a forma de um longa-metragem, ou melhor, este circo é mostrado como teatro, ou melhor, esse documentário acontece como um concerto musical, ou melhor, aqui temos uma sonata, na qual o tema sempre reaparece. *Brincante*, o filme de Walter Carvalho com Antonio Nóbrega, que estreia nesta quinta-feira, 4, em São Paulo, é filho de uma identificação mútua entre os dois artistas, que começa pelo Nordeste, que gestou ambos (Walter é de João Pessoa, e Nóbrega, do Recife).

Nesta quarta colaboração, antecedida por *Lunário Perpétuo* (2003), *Nove de Fevereiro* (2008) e *Naturalmente* (2011), eles fazem da característica que os aproxima, e com a maestria que lhes distingue, uma protagonista. Senhoras e senhores, com vocês, a estrela desse *Brincante*: uma mistura saborosa e atraente entre dança, circo, teatro, música, folguedos populares, mímica, clown, ventriloquismo, literatura e poesia, temperada pelas histórias de Tonheta, de Mateus, de João Sidurino e sua Rosalina de Jesus (Rosane Almeida).

“Somos um povo muito sincopado, não é a nossa música ou a nossa dança, mas a nossa própria maneira de agir que é sincopada e ambivalente. O filme precisava ter sintonia com isso, que está em meu trabalho, e, por isso, ele é poético e sensorial”, diz Nóbrega.

O projeto de fazer um filme nasceu bem antes. “Em 1992, o espetáculo *Brincante* entusiasmou cineastas como Luiz Carlos Barreto e Cacá Diegues e, por desencontros de agendas, não se concretizou.” Walter Carvalho apareceria quase 15 anos depois, em *Auto de Luz*, um especial de Natal da TV Globo dirigido por Luis Fernando Carvalho.

“Começamos a trabalhar nele logo depois do *Nove de Fevereiro*, em 2008, com o propósito de produzir uma radiografia do universo cultural e artístico da minha carreira, daí ser discreto e sutil com relação à minha vida pessoal, que só aparece através da minha família atuando nesse universo.”

As imagens são os textos do filme e elas nos falam de um mundo que sempre recomeça, fincando as estacas para delimitar o espaço no qual o espetáculo pode acontecer. Talvez essa seja a metáfora mais forte para o que Antonio Nóbrega e Rosane Almeida têm feito pela cultura popular brasileira.

“Cada trabalho que faço, parece que estou começando do começo, porque ainda sou um nome volátil para a maior parte da sociedade brasileira. Depois de mais de 40 anos de carreira, ainda me surpreendo com a desproporção entre o reconhecimento e a extensão do desconhecimento que me cerca. Nunca tive uma grande gravadora, o novo trabalho de dança, que vou estrear no ano que vem, teve seu orçamento reduzido a 1/5 do necessário. Mas já aprendi a trabalhar não como gostaria, mas como é possível, e não sou o único, infelizmente.”

Nóbrega se prepara para “tornar o seu baú ainda mais heterogêneo”. Começa a escrever um ensaio reunindo os três eixos do seu percurso. Parte da sua experiência com os mestres populares, depois vai contar as histórias de como se formaram manifestações como a capoeira, o galope à beira-mar e muitas outras, para finalizar propondo como esses conteúdos e valores podem ser ressignificados hoje.

“Tenho também um outro projeto, e ainda não sei como os dois se ligarão, pois desejo codificar uma dança brasileira com base em matrizes folclóricas.” Ou seja, o caminhão mambembe que abre o filme continua a rodar pelas esperanças e sonhos que nunca param de anunciar um Brasil que vai começar.